Emoção leva ao consumo e impede o investimento
Antonio Perez

Quem deseja investir tem de esquadrinhar o orçamento doméstico à procura de despesas que possam ser eliminadas, ensina a máxima dos especialistas em planejamento financeiro. Para muita gente, porém, a tarefa de cortar gastos é tida como impossível. É como se todos os itens da cesta de consumo fossem imprescindíveis para uma vida confortável. Na verdade, alguns são obviamente supérfluos.

É o caso do consumo de alimentos light e diet, cujos preços são sempre superiores aos similares, ou a compra de roupas com numeração pequena por parte de mulheres que desejam perder peso. Quem se encaixa nesse perfil é a jornalista Vanessa de Assis. Ela diz que não encontra espaço em seu orçamento doméstico para investimentos, mas sempre abastece o carrinho do supermercado com muitos produtos light, como geléia, pão de forma, iogurte e barras de cereal. Adquiridos para serem consumidos em nome da manutenção do peso, os itens se acumulam na geladeira e quase sempre têm como destino final a lata do lixo.

Esquecidos nas refeições em casa, os produtos também são substituídos nos lanches do trabalho. Ela conta que no meio do expediente, acaba comendo alimentos bem mais calóricos, como chocolates, que em nada contribuem com sua dieta.

"Não emagreço e acabado gastando mais. Até gostaria de investir, porque pretendo comprar um apartamento", conta há jornalista, lembrando que há três anos não faz um aporte na caderneta de poupança ou em seu fundo de investimento referenciado no Depósito Interfinanceiro (DI), onde possui cerca de R$ 4 mil.

A jornalista personifica o clássico movimento em que o aumento progressivo da renda leva a elevação do padrão de vida e à adoção de novos hábitos de consumo. Apesar de possuir um salário superior ao que recebia há alguns anos, ela não consegue enxugar o orçamento em razão de gastos muitas vezes supérfluos. Além dos alimentos light, ela também adquire produtos de beleza, como cremes faciais, que jamais são utilizados.

"Antes costumava poupar o que sobrava do meu salário. Hoje em dia ganho melhor, mas não resta nada no fim do mês", diz Vanessa de Assis.

Quem também possui o hábito de adquirir produtos que depois não irá utilizar é a pedagoga Sônia Hilário e Silva, de 53 anos, que se autodeclara uma mulher acima do peso ideal. Nas idas ao supermercado, ela dá preferência aos alimentos light e diet. "Eu compro acreditando que eles vão me ajudar a controlar o peso, mas muitas vezes acabo nem consumindo", afirma a coordenadora, que confessa viver permanentemente em luta contra os quilos a mais.

Como fazem muitas mulheres, ela costumava comprar roupas, como pares de calças e vestidos, ligeiramente apertados com a justificativa de que perderia pelos rapidamente e poderia trajá-las. O resultado era quase sempre idêntico: a coordenadora não fazia dieta e jamais utilizava as roupas adquiridas. Embora tenha parado com o auto-engano consumista há cerca de três anos, ela ainda possui peças no guarda-roupa que ainda não pode vestir.

A coordenadora, porém, tem um traço que a difere das demais. Apesar das compras supérfluas, ela jamais sofreu desequilíbrios financeiros nem acumulou dívidas. Disciplinada, investe todos os meses e possui aproximadamente R$ 15 mil aplicados na caderneta de poupança. "Gosto de consumir, mas com planejamento para não ter problemas depois", diz Sônia Hilário e Silva.

Esse comportamento pode ser explicado sob a ótima da psicologia econômica.

Segundo a psicanalista Vera Rita Ferreira, representante no Brasil da Associação Internacional de Pesquisa e Psicologia Econômica , trata-se de um mecanismo que as pessoas utilizam para não entrar em contato com uma realidade muitas vezes dolorosa. As pessoas tendem a guiar seus atos de acordo com uma um conceito chamado de realidade interna, uma versão íntima e mais suave do mundo real.

"Trata-se da realidade dos nossos desejos e sonhos, onde tudo é da maneira como desejamos. Essa realidade interna é mais agradável e espelha o mundo que desejamos", afirma psicanalista.
Algumas mulheres gostariam de emagrecer, mas em vez de tomar atitudes concretas e consistentes, como reeducação alimentar e adoção de uma rotina de exercícios físicos, acabam recorrendo a subterfúgios.

A psicanalista explica que ao comprar produtos light ou roupas com numeração menor, é como se as pessoas se convencessem de que já estão tomando providências para mudar a realidade. "Preferem gastar dinheiro e manter a crença ilusória de que está mudando a realidade", ensina Vera Rita Ferreira.

Do ponto de vista das finanças pessoais, a utilização do dinheiro como instrumento para satisfazer momentânea certos desejos é desastrosa. Além de não modificar a real situação, as mulheres acabam em alguns casos comprometendo a própria saúde financeira e investimentos.

Mudar o comportamento de forma estrutural e analisar as emoções é um passo que vai além do mero controle do orçamento. Mas os especialistas em finanças pessoais costumam dar dicas que podem minimizar o problema.

Quem tem propensão a exagerar no consumo deve ir ao supermercado sempre de posse de uma lista de compras, na qual não devem ser incluídos os itens light, por exemplo. Se a confecção da lista não impede o consumo, pelo menos serve de lembrança de que aquele item não estava no planejamento realizado em casa.

A dica para quem não resiste a adquirir roupas é diminuir ao máximo os meios de pagamento. Talão de cheques, cartões de loja e de crédito devem ficar na gaveta do criado-mudo. Na carteira, entram apenas o dinheiro suficiente para o dia e, no máximo, um cartão de débito, instrumento que limita o consumo, já que não permite as compras parceladas.

Para o consultor Eduardo Silva, da Excelence Finanças Pessoais , essa estratégia pode ajudar a diminuir os gastos. Nada, porém, que substitua uma análise do próprio comportamento e a reeducação financeira.

Fonte: DCI, São Paulo, 3, 4 e 5 jun. 2006, Seu Dinheiro, p. B14.